

## A dicotomia trabalho-lazer nos cursos dos rios urbanos

Luisa Prazeres Vasconcelos  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: 2021a0068@uesb.edu.br

Felipe Eduardo Ferreira Marta  
Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: fefmarta@uesc.br

310

**Palavras-chave:** Rios urbanos. Trabalho. Memória coletiva. Pertencimento

### INTRODUÇÃO

No período pós-guerra (1945-1991), a humanidade vivenciou uma intensificação no desenvolvimento das infraestruturas urbanas, onde a busca por controlar a natureza de forma permanente se tornou mais incisiva, fazendo desaparecer, quase que totalmente, os cursos d'água dos territórios citadinos. Até o início do século XX, tais rios estiveram amplamente vinculados aos espaços de trabalho das sociedades. As atividades de pesca, agricultura, lavagem de roupas, moagem, transporte, curtume, mineração e serraria, necessitavam, diretamente, dos rios para abastecimento e geração de energia, fazendo, deles, elementos vitais para a economia e para a vida diária.

Com a mudança da dinâmica urbana ocorrida, principalmente, na segunda metade do século XX, os córregos e os rios urbanos foram reduzidos ao papel de vetores de descarte de lixo e águas servidas, se tornando extremamente poluídos. Rapidamente, também, se modificou a percepção da população frente a qualquer curso d'água urbano, passando, estes, a serem entendidos apenas como canais de esgotamento, o que afetou a consciência coletiva sobre os processos hidrológicos naturais dentro das cidades.

Nesse contexto, é importante frisar que o território é um fator estruturante das experiências sócio humanas. O compartilhamento dos espaços pela sociedade traz a referência ao grupo social e, com ela, o reconhecimento de sua história. Os habitantes citadinos transformam e produzem a cidade ao longo do tempo ao se relacionarem e

**Realização:**



**Apoio:**



consumirem o espaço em seu dia a dia (PESAVENTO, 2008, p. 9). Se as formas de produção se modificam, a relação com o território também se modificará. Ao mesmo tempo, os grupos sociais só são capazes de conservar suas identidades se houver o interesse na sua reprodução, uma vez que a reconstrução da lembrança só é possível se houverem “noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa” (HALBWACHS, 2003, p.39). Ainda é possível encontrarmos, vivas, memórias acerca da relação direta entre rios urbanos e algumas comunidades, mas, para que estas lembranças permaneçam, é preciso que os cursos d’água assumam lugares de memória que gerem um pertencimento em determinados grupos urbanos, de forma que o rio funcione como “mediador físico e metafórico” (CHAPMAN, 2019, p. 185) na percepção da paisagem urbana.

Dentro dessa relação entre as comunidades e seus territórios na dinâmica capitalista, se faz importante considerar a relação dicotômica trabalho-lazer como atividades essenciais e complementares, que, aliadas à necessidade da sociedade contemporânea em preservar seu habitat, incita o reposicionamento social sobre os cursos d’água urbanos, se não mais como espaços de trabalho, como possíveis espaços de lazer. Nesse sentido, apresenta-se, nesse estudo, uma análise comparativa entre os casos dos rios Neiva, no Norte de Portugal, e Verruga, em Vitória da Conquista, Brasil, tendo como objetivo identificar as aproximações e distanciamentos no que se refere à dinâmica entre estes rios e as comunidades que com eles se relacionaram nas últimas décadas.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, abordando uma trajetória histórica, na qual observou-se as variações no comportamento das populações urbanas estudadas frente ao acesso e uso dos cursos d’água urbanos durante os últimos oitenta anos. A pesquisa está estruturada a partir do levantamento de registros documentais, de material iconográfico, e da realização de entrevistas de história de vida com pessoas residentes em zonas próximas aos rios Verruga, em Vitória da Conquista, Brasil, e Neiva, no Norte de Portugal. Os dados coletados foram contrapostos com referenciais documentais primários e bibliográficos.

Dessa forma, a pesquisa teve como base a metodologia da história oral, que busca investigações através dos relatos de experiências e memórias individuais relacionadas às

**Realização:**



**Apoio:**



temáticas coletivas, de forma a perceber as contribuições que cada indivíduo apresenta diante do objeto pesquisado. Segundo Verena Alberti, a história oral “tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato” (ALBERTI, 2004, p. 9). Em resumo, busca-se determinar quais as memórias coletivas que se encontram presentes nas memórias individuais que puderam ser acessadas com as entrevistas, salientando que a escolha do caminho pelo qual o pensamento mnemônico percorre se dá através dos ensinamentos dos grupos sociais nos quais se insere.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em consonância com a intensificação do desenvolvimento urbano e da industrialização ocorrida no período pós-guerra, os rios Neiva e Verruga iniciaram um percurso de degradação entre as décadas de 1960 e 1970. Porém, tais rios seguiram caminhos diversos em função do posicionamento de suas comunidades ribeirinhas.

No caso do Rio Verruga, o córrego “de cristalina água, permanente, e que abastece a população” (TORRES, 1996, p.31), assim descrito no final do século XIX, deu lugar à referência a um esgoto a céu aberto por parte dos entrevistados. O que ainda sobrevive do rio na memória da sociedade são as paisagens isoladas da região de sua nascente, no chamado Poço Escuro, e do antigo açude que existia numa região inundável, e que foi drenado em 1964. Observou-se que, para os entrevistados, essas paisagens não tinham relação entre si, e não remetiam ao curso de um rio, mas estavam vinculadas a espaços de trabalho, com referência às atividades de lavagem de roupas, criação de animais, produção de laticínios, limpeza de veículos e coleta de água para distribuição em carroças, que remetem à importância daquelas águas para a dinâmica econômica e social daquela comunidade nas décadas de 1930 a 1960. Após a implantação do abastecimento por água encanada, da industrialização dos alimentos e da adoção de tecnologias modernas para a realização de certas atividades, o Rio Verruga perdeu sua importância para a comunidade.

Recentemente, iniciou-se uma tentativa, por parte do poder público, de implantar um parque municipal nas margens ainda desocupadas do curso d’água, numa busca por aproximar, novamente, a população e o rio, sob a perspectiva de atividades de lazer.

**Realização:**



**Apoio:**



Porém, tal iniciativa não mobilizou a comunidade de forma significativa e ainda não obteve a força necessária para ser implementada de forma completa e eficiente.

O caso do Rio Neiva aparece de forma diferenciada, pois nele, a partir do sentimento de pertencimento e da percepção do rio como provedor para as atividades laborais, a comunidade local teve a iniciativa de se manifestar em prol da proteção do curso d'água, e buscou o poder público para tentar reverter um processo de degradação do rio que estava em curso. Tal movimento culminou com a delimitação de uma área de proteção ambiental no estuário do Rio Neiva, em 1987, e com a fundação, pela comunidade local, em 1989, da Rio Neiva – Associação Defesa Ambiente, que segue em atuação e tem como objetivo “defender e valorizar o ambiente e o património natural e cultural, promover um desenvolvimento regional equilibrado do Vale do rio Neiva, macro otimizar o papel da defesa do ambiente nas suas diferentes valências” (ASSOCIAÇÃO RIO NEIVA, 2024).

A Associação Rio Neiva sempre buscou um diálogo aberto com as gestões públicas e com as escolas, com o objetivo de criar soluções conjuntas. Atualmente, a Associação concentra suas atividades na conscientização ambiental, e traz os jovens para a convivência com o rio, num processo de ressignificação através do lazer e do esporte. Em paralelo, a Associação desenvolve vários projetos de valorização da cultura e memória local junto à comunidade e com o apoio de diversas instituições, incluindo universidades. Na fala do atual presidente da Associação, entrevistado em 2023, “para sobreviver como associação, e isto aplica-se a qualquer área de atuação, precisamos estar do lado e com as pessoas, junto, agregá-las e trazê-las”.

## CONCLUSÕES

Observa-se que os diferentes contextos delinearão trajetórias distintas para as comunidades estudadas face à intensa urbanização do final do século XX. O grau de envolvimento das comunidades com o destino dos rios, durante esse processo, revela duas dinâmicas opostas: a de pertencimento e a de negação. É a relevância atribuída ao rio que faz com que a população compreenda o processo e participe de debates sobre o tema, estando os resultados da urbanização vinculados ao nível de envolvimento da comunidade.

**Realização:**



**Apoio:**



A análise destaca um sentimento de pertencimento muito maior na relação com o rio Neiva se comparado ao rio e Verruga. Quando a população não se posiciona como interveniente crucial no processo de urbanização, ressignificando a importância do rio, a apropriação desses cursos d'água torna-se mais distante. Ressalta-se que a percepção sobre os rios foi modificada devido às intervenções urbanas contemporâneas, reafirmando a capacidade da gestão pública em moldar a construção de memórias coletivas.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ASSOCIAÇÃO RIO NEIVA – ADA. **Apresentação**. Esposende, Portugal. Disponível em:  
<https://rioneiva.com/associacao/apresentacao/>. Acessado em julho de 2024.

CHAPMAN, P. O rio como mediador – a recuperação de rios urbanos para criar novos espaços de mediação e de diálogo intercultural. **Comunicação E Sociedade**, vol. especial, 2019, p. 185-198. Disponível em:  
[https://doi.org/10.17231/comsoc.0\(2019\).3068](https://doi.org/10.17231/comsoc.0(2019).3068). Acessado em julho de 2024.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

PESAVENTO, S. J. História, memória e centralidade urbana. **Revista Mosaico**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 3-12, jan./jun., 2008.

TORRES, T. L. **O Município da Vitória**. Vitória da Conquista: UESB, 1996.

**Realização:**



**Apoio:**

